



ENTRE/PRIMAVERA

www.correio24horas.com.br

Há quem diga que a moradora mais antiga do Campo Grande esteja lá há 500 anos. Se estivesse, de fato, teria testemunhado muito mais do que realmente viu acontecer numa das praças mais antigas de Salvador, inaugurada no comecinho do século XIX. Teria acompanhado os jogos de críquete dos ingleses, conheceria a região quando nem se pensava em praça e até teria visto o nascimento e queda dos primeiros imóveis. Árvore nativa da Amazônia e dona de um tronco de quase 10 metros de largura, a sumaúma do Campo Grande não é tão antiga assim, mas já viu mesmo muito coisa: das celebrações na Capela Anglicana aos desfiles carnavalescos, passagens de trios elétricos e construção da Avenida Sete. É provável que ela esteja ali há 200 anos.

"Ela tem uma irmã ali do lado, menorzinha. Deve ter visto muita coisa, porque isso aqui antigamente era só barro. Ai, o pessoal chega, tira foto, tenta abraçar. Planta tem uma energia boa, né? É um ser vivo. Antes de fazer qualquer coisa, eu peço licença", conta Vilma Maria Pereira, 56 anos. Há três, ela integra a equipe de garis do Campo Grande e já está acostumada às reações dos soteropolitanos e turistas diante da imensidão da árvore, também conhecida como paineira.

É difícil afirmar que aquela é a árvore mais antiga da capital, mas é certamente uma das primeiras plantadas no Centro, que hoje ainda concentra as árvores urbanas que resistem há mais tempo. As do Passeio Público, construído no século XIX, também são centenárias. Uma fotografia do suíço Guilherme Gaensly, de 1912, mostra uma paineira de tronco ainda tímido. Ela continua lá, com raízes que chegam perto dos cinco metros e idade superior a 109 anos – época da fotografia.

Ali perto, no Corredor da Vitória, os mais de 130 pés de oitis foram plantados há 106 anos, quando a Avenida Sete de Setembro foi inaugurada, em 1915. Mas há uma moradora ainda mais antiga do que eles. Quando os oitis chegaram lá, já havia uma mangueira enorme no jardim da sede do Clube Euterpe – hoje, Solar Cunha Guedes.

Ela é um verdadeiro símbolo de resistência, já que foi a única das árvores já existentes que foi mantida quando os oitis chegaram. "Quando JJ. Seabra fez a Avenida Sete, essa rua era bem estreita. Ele tomou os jardins na frente das casas para alargar a avenida e cortou todas as árvores e outras plantas que tinham nos jardins. Os oitis vieram do Rio de Janeiro e foram plantados de fora a fora. Essa mangueira foi a única mantida", conta o historiador Rafael Dantas.

Ele iniciou um levantamento das árvores urbanas mais antigas da cidade, buscando referências em fotografias an-

tigas. Na época da inauguração da Avenida Sete, lá estava a mangueira. "Eu calculo que ela tenha, pelo menos, 150 anos, porque no início do século XX ela já aparece em algumas imagens e já era uma árvore grande", aponta Rafael.

SOMBRA DA MANGUEIRA

Talvez, seja difícil imaginar o Corredor da Vitória sem todo aquele verde e sombra das copas dos oitis. Mas, nas primeiras décadas do século XX, a única sombra por ali era a da mangueira que, hoje, fica entre o Solar Cunha Guedes e o chalé conhecido como Ferro Velho.

Por sorte, ela aparece em muitas fotografias do começo do século passado. "O Solar Cunha Guedes tem uns postais famosos por causa do Clube Euterpe", explica o historiador Daniel Rebouças, que pesquisa iconografia e localizou uma imagem de 1920.

De lá pra cá, ela cresceu tanto que, há alguns meses, o jeito foi ampliar a calçada, porque o tronco, de mais de seis metros de diâmetro, ocupava a calçada inteira e obrigava pedestres a andarem um pedacinho do trajeto entre os carros.

"A dona daqui conta que lembra dela quando ainda era criança", conta o auxiliar de serviços gerais Geanderson de Jesus, 25, que trabalha no Solar há um ano. Enquanto varre a folhagem, afirma já ter visto cenas curiosas. "O pessoal para, olha, tira foto. E quando passa uma família de turistas aí, eles dão as mãos para abraçar a árvore", relata.

PRESERVADAS, OU NÃO

Para Rafael Dantas, é possível que a árvore mais antiga de Salvador fosse uma paineira que foi ao chão em junho de 2006, depois de uma forte chuva. A árvore, de 30 metros de altura e três de diâmetro, ficava atrás da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/Ufba), mas alguns de seus galhos caíram e destruíram imóveis na ligação entre o Campo Grande e o Canela.

Foi o último suspiro da árvore, que integrava um conjunto de quatro centenárias. "Os pedaços do tronco ficaram lá por vários dias. Mas, curiosamente, brotou outra árvore da mesma espécie no mesmo lugar da que foi cortada", lembra Rafael.

Entre as décadas de 1960 e 1970, época de construção das avenidas de vale, como o Vale do Canela, muitas árvores centenárias foram mantidas, sobretudo as mais próximas às encostas. Nos anos seguintes, outras foram suprimidas.

MATRIARCAS

Salvador não tem, oficialmente, um levantamento que aponte quantas árvores existem na cidade, quais as mais antigas, nem de quais espécies são. Se tivesse, talvez fosse mais fácil dizer debaixo de que árvore Charles Darwin se abrigou durante uma tempestade tropical

SAIBA MAIS

● DIA DA ÁRVORE

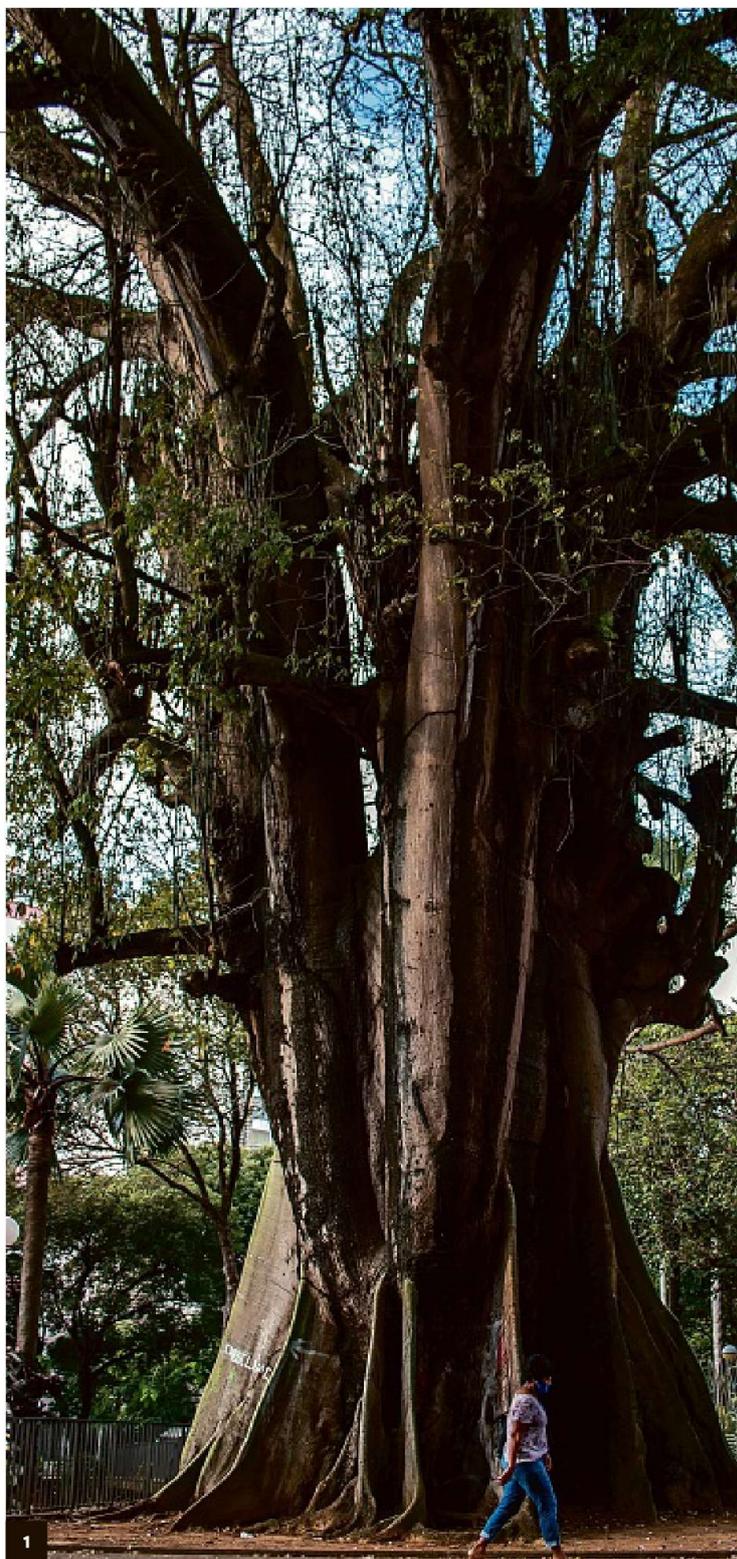
Na próxima terça-feira (21) se comemora no Brasil o Dia da Árvore. A data foi escolhida por conta da proximidade com o início da primavera, no dia 23 de setembro.

● SE PLANTE

Na semana passada, o CORREIO estreou a coluna Se Plante, da jornalista Briza Menezes. Sempre às sextas-feiras, a coluna terá vídeos inéditos sobre jardinagem. Acompanhe em correio24horas.com.br

● PRIMAVERA NO CORREIO

Na próxima sexta (24), quem comprar o CORREIO vai levar um copo biodegradável. Acessando o QR Code do copo, o leitor terá acesso direto ao conteúdo da coluna Se Plante.



Testemunhas do tempo

Verde Centro da cidade tem árvores urbanas mais antigas de Salvador; sumaúma vive há cerca de 200 anos



1 Sumaúma Foi plantada no Campo Grande e idade estimada é de 200 anos **2 Mangueira** Na Vitória, é única sobrevivente anterior aos oitis, que já têm 106 anos **3 Paineira** Ela já aparecia em fotografia feita no Passeio Público há 109 anos **4 Gameleira** Árvore sagrada, onde é cultuado orixá Iroko, foi plantada em São Lázaro em 1992, no lugar de outra centenária



Clarissa Pacheco

texto
clarissa.pacheco
@redabahia.com.br

NARA GENTIL



2

ARISSON MARINHO



3

Eu calculo que ela tenha, pelo menos, 150 anos, porque no início do século XX ela já aparece em algumas imagens e já era grande
Rafael Dantas
Historiador, sobre mangueira

A cidade deveria preservar suas grandes matriarcas, as árvores-símbolo, que viram a transformação da cidade, a história acontecer
Domingos Cardoso
Pesquisador em Botânica da Ufba

Deve ter visto muita coisa, porque isso aqui antigamente era só barro. Ai, o pessoal chega, tira foto, tenta abraçar
Vilma Maria Pereira
Gari, sobre sumaúma

em 29 de fevereiro de 1832. Ele não deixou muitos detalhes em seu diário, mas certamente a árvore ficava no, hoje, Centro.

O Beagle, embarcação que o trouxe até aqui, estava ancorado no Porto de Salvador e Darwin caminhava naquela direção quando o céu desabou. "Procurei abrigar-me debaixo de uma árvore, cuja copa cerrada seria impermeável à chuva comum da Inglaterra, porém, poucos minutos depois, descia pelo enorme tronco uma verdadeira torrente", escreveu.

O pesquisador em Botânica do Instituto e Biologia da Ufba (Ibio) Domingos Cardoso começou há três anos uma catalogação de espécies e diâmetros de árvores de Salvador. "A minha tese é que a perspectiva de priorizar grandes árvores é algo muito mais de arquitetos e urbanistas do passado. A gente perdeu isso", afirma.

Segundo Domingos, é difícil estabelecer a idade das árvores em locais com clima tropical, como o Brasil, porque as estações não são tão bem definidas, como no hemisfério norte. Lá, cada anel interno no tronco corresponde, praticamente, a um ano de vida. Por aqui, o melhor caminho é consultar registros históricos.

"Deveríamos preservar as grandes matriarcas, as árvores-símbolo, que viram a transformação da cidade, a história acontecer. Imagina quantos trópicos elétricos e sorrisos elas não viram passar. E suas filhas vão sendo suprimidas, ficam só nos retratos", lamenta.

Para Domingos, lugares como o Corredor da Vitória deveriam ser replicados pela cidade. "Quando você vai para bairros mais recentes, como Pituba e Paralela, você não vê árvores que vão crescer muito. São árvores exóticas, ou porque estavam na moda, ou porque era mais fácil conseguir sementes. Mas não são árvores que vão ficar grandes", diz.

Nos últimos oito anos, de acordo com a Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Resiliência (Secis), foram plantadas mais de 78 mil árvores em canteiros centrais, largos, praças e avenidas. A maioria é de exemplares de Mata Atlântica, como ipês rosa e amarelo, algodoiros, paus-brasil, sibirunas e oitis. Boa parte dos plantios ocorre dentro da Operação Plantio Chuva, de março a agosto. Este ano, foram 3,2 mil árvores plantadas.

Em 2018, 154 árvores – algumas centenárias – foram suprimidas na Avenida ACM para a passagem do BRT. Outras 169 foram transplantadas em locais como o Parque da Cidade. Para compensar, a prefeita plantou mais de 2 mil árvores em várias áreas de Salvador.

"Seria preciso coletar as sementes de árvores antigas da cidade, porque elas têm uma vida, têm um tempo. Se as sementes são coletadas, você pode plantar e ter filhas", defende Domingos.

ORIXÁ É CULTUADO EM ÁRVORES SAGRADAS

Preservar a natureza, o verde e, naturalmente, as árvores da cidade é primordial para o povo de santo. "No Candomblé, toda árvore representa uma vida. Na verdade, a nossa filosofia compreende que a humanidade não está acima de qualquer outra vida. E, nesse sentido, não existe vida mais importante ou menos importante. A árvore tem a mesma importância da vida de um ser humano", afirma Babá Pecé, babalorixá do terreiro Casa de Oxumarê, na Vasco da Gama.

Com frequência, filhos e filhas do terreiro vão até a Estrada de São Lázaro fazer a limpeza do canteiro onde fica uma gameleira branca. Ela é uma das árvores de Salvador onde se cultua o orixá Iroko e, embora frondosa, não é tão antiga. Ele foi plantada em 1992 a pedido de nomes como a ebomi Cidália de Iroko, o professor Jaime Sodré, o antropólogo Júlio Braga e o próprio Babá Pecé. No mesmo lugar tinha outra gameleira centenária.

"Ali tinha uma árvore muito antiga que tombou. Então, nós pedimos à prefeita da época, Lidice da Mata, que fosse plantada outra gameleira ali. Os orixás são a manifestação da natureza: lemanjá são as grandes porções de água, lansã é o vento e Iroko é a própria árvore. Na nossa cosmo-percepção de mundo, a árvore já é uma divindade", completa Babá Pecé.

No Brasil, Iroko é cultuado em uma gameleira branca. Além de São Lázaro, há exemplares em alguns terreiros da cidade e dentro do Instituto Médico Legal (IML), onde antes funcionou o terreiro de candomblé de Mãe Júlia Bugã. Quando o IML foi construído, a gameleira foi preservada e segue sob os cuidados de Pai Air José, do Pilão de Prata.

A escolha tem a ver com as características da gameleira. "Ela é a árvore que nós temos que mais se identifica com Iroko, por ser mais frondosa, ter um ciclo de vida. Ela cresce e, de repente, se parte e vem um novo filho", diz Babá Pecé. "É uma árvore de uma raiz muito forte, tem um significado muito grande e muito místico", completa Pai Pretinho, babalorixá do Ilê Axé Iroko Sun, em Simões Filho.

Ele explica que, na África, Iroko é cultuado em outra árvore, a macumbê – de onde vem, aliás, a palavra macumba. Por isso mesmo, onde não há uma gameleira, Iroko pode ser cultuado em outras árvores: "Eu tenho o assentamento e ele é cultuado dentro daquilo que a natureza me permitiu. A partir do momento que você a cultiva, trata ela bem, respeita a sobrevivência dela, porque ela é um ser vivo, pra mim ela é sagrada".

NARA GENTIL

ARISSON MARINHO



4